UM TRIBUTO AO AGRICULTOR BRASILEIRO

PAULO RENATO HERRMANN
Presidente da John Deere Brasil e vice-presidente de Marketing e Vendas para a América Latina

TODOS OS anos, por ocasião do início da safra de grãos no Brasil, surgem matérias e reportagens nos veículos de comunicação alertando para o apagão logístico e que a falta de investimentos no País, entre tantas outras mazelas, retira a rentabilidade dos nossos agricultores.

Enquanto isso, o produtor brasileiro, para sobreviver, arrisca-se quase solitariamente na exploração das terras tropicais e subtropicais, tendo que se reinventar a cada ano para compensar a ineficiência e os altos custos da cadeia produtiva fora da porteira.

Numa velocidade impressionante, em menos de duas décadas, estes pioneiros dobraram a produção de grãos por unidade de área e, neste momento, estão caminhando celeremente para colherem a terceira e a quarta safras, transformando o ato de plantar, de uma atividade meramente extrativista, num modelo de produção contínua. O efeito imediato dessa revolução silenciosa foi uma economia superior a 50 milhões de hectares que não precisaram ser colocados a serviço da agricultura.

Esse extraordinário aumento da produção contou com o apoio da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), que foi fundamental para a quebra de antigos modelos de produção agrícola herdados dos nossos antepassados vindos do hemisfério Norte, como, por exemplo, a introdução à "safrinha", ou melhor, definindo a segunda safra de grãos normalmente logo após o plantio da soja.

Mas, a revolução não para por aí, e, neste exato momento, está em pleno curso outra quebra de paradigma, a qual denominamos de: "agricultura sem parar".

Somos detentores das maiores reservas de água doce e terras agricultáveis do mundo; além disso, temos o sol irradiando o ano inteiro numa faixa de temperatura que varia entre 25°C e 30°C, o que possibilita a implantação de um sistema que se fundamenta num melhor entendimento do conceito da fotossíntese (energia do sol transformando o metabolismo das plantas), combinado a um uso mais eficiente dos ativos disponíveis na propriedade, tais como terra, infraestrutura e pessoal, e tudo isso culminando, ao final, com o plantio de diversas culturas de maneira ininterrupta ao longo dos doze meses do ano.

Esse revolucionário domínio da biodiversidade para fins produtivos é denominado de iLPF – integração Lavoura-Pecuária-Floresta – e se apoia no plantio de culturas anuais consorciadas ou na sequência de plantas perenes e pecuária, cuja integração somente é possível nas regiões de clima tropical e subtropical do mundo.

Essa foi a solução criativa que os nossos agricultores encontraram para enfrentar e sobreviver ao tão discutido e oneroso "custo Brasil".

Desta forma, o Brasil e seus corajosos agricultores estão estabelecendo novos parâmetros para a produção de alimentos, num sistema de produção socialmente justo, ambientalmente sustentável e, principalmente, financeiramente rentável.

Parabéns a todos ligados à terra! ■